

LAZER E ESPAÇOS PÚBLICOS: O CIRCO COMO OPÇÃO¹

Recebido em: 13/12/2015

Aceito em: 17/05/2016

Jéssica A. M. Fernandes
Olívia Cristina Ferreira Ribeiro
Marco A. C. Bortoleto
Universidade Estadual de Campinas
Campinas – SP – Brasil

RESUMO: Dentre as diversas atividades de lazer que se podem vivenciar nos espaços públicos, encontra-se o circo. Nesse contexto, um conjunto de encontros circenses vem se consolidando em diversas cidades brasileiras. Estudamos dois deles, realizados no estado de São Paulo, com o objetivo de conhecer suas formas de organização e as motivações que configuram a participação de jovens e adultos nesses encontros. Para tal, realizamos uma pesquisa de campo que incluiu a observação-participante e a aplicação de questionários a participantes e organizadores. Os resultados indicaram que os encontros representam uma forma de lazer e de difusão do circo e contribuem para o desenvolvimento técnico e artístico do circo, assim como para uma maior integração social e novos usos dos espaços públicos. Em ambos, as redes sociais são sua plataforma de divulgação e comunicação, e as adversidades climáticas, o maior desafio para sua manutenção.

PALAVRAS CHAVE: Atividades de Lazer. Adolescente. Cultura.

LEISURE AND PUBLIC SPACES: THE CIRCUS AS OPTION

ABSTRACT: Among the many leisure activities that one can experience in public areas, is the circus. In this context, a set of circus meetings has been consolidated in several Brazilian cities. We studied two of them, conducted in the state of São Paulo, in order to meet their forms of organization and the motivations that shape the participation of young people and adults in these meetings. To this end, we conducted a field survey that included participant observation and questionnaires to participants and organizers. The results indicated that the meetings represent a form of leisure and circus dissemination and contribute to the technical and artistic development of the circus, as well as to greater social integration and new uses of public spaces. In both social networks are its dissemination and communication platform, and climatic adversities, the biggest challenge for its maintenance.

¹ Esta pesquisa foi financiada pelo CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico).

KEYWORDS: Leisure Activities. Adolescent. Culture.

Introdução

Cotidianamente, nos deparamos com espaços urbanos e equipamentos públicos que, de acordo com Pellegrin (2004), foram concebidos como “espaços de lazer”. Muitos desses espaços são mantidos pela administração pública e são destinados ao uso pela população de forma indistinta ou conforme os serviços oferecidos e que poderão ser usufruídos durante o tempo livre dessas pessoas. Os espaços de lazer são importantes no sentido de proporcionar o convívio e encontro social, bem como experiências diversas no âmbito das práticas culturais (PELLEGRIN, 2004). Por outro lado, também encontramos no cenário urbano espaços não específicos de lazer, isto é, que não foram concebidos para o exercício do lazer, mas que podem ser utilizados para esse fim. São exemplos, as ruas, as escolas, os estacionamentos e as pontes, entre outros.

Nesse contexto, movimentos como as “Ruas de Lazer” representam exemplos de uma apropriação das vias públicas – primariamente destinadas ao tráfego de veículos e pedestres – para a realização temporária de eventos de lazer, uma possibilidade de encontro e convívio humano que favorece o desenvolvimento pessoal e social dos cidadãos (MUNHOZ, 2004).

Dentre as diversas atividades de lazer que podemos vivenciar nos espaços públicos específicos ou não para o lazer, encontra-se o circo, uma manifestação que há séculos rompe com os cânones e as normatizações impostas pela sociedade, buscando manter-se presente nos espaços públicos e privados de convivência (praças, ruas, parques, feiras, entre outros) (SILVA, 2007).

De fato, o circo tem se manifestado na contemporaneidade com finalidades mais amplas do que no passado (BORTOLETO; MACHADO, 2003), extrapolando sua forma clássica de espetáculo e entretenimento e alcançando novos objetivos sociais, entre eles a promoção da saúde, a educação social (arte-educação) e o lazer (SILVA, 2009). Vemos, então, um circo que deixou de ser uma prática exclusivamente de contemplação (passiva para a maior parte do público) para ser uma possibilidade de prática (de vivência), uma revolução recente e que vem causando enormes mudanças no entendimento sobre esse fenômeno (WALLON, 2009).

Essa maior abrangência do circo tem possibilitado à população praticar as atividades circenses em escolas de circo, academias, clubes, eventos e ainda, de maneira informal, em espaços públicos ou privados (BORTOLETO; DUPRAT, 2007).

É nesse cenário que diversos encontros – frequentados principalmente por jovens – vêm sendo realizados no Brasil desde a década de 1990 (RIBEIRO; BORTOLETO; FERNANDES, 2014). Dentre eles, analisamos nesta oportunidade o “Encontro Campineiro de Malabarismo” (ECM), que ocorre no Teatro de Arena da Universidade Estadual de Campinas desde 2014, e o “Circo no Beco” (BECO), um dos mais emblemáticos encontros realizados em uma rua do badalado bairro da Vila Madalena, em São Paulo, há mais de 10 anos. Em ambos os casos, o espaço público passou a sediar encontros regulares, populares e gratuitos, cujas particularidades podem revelar um novo movimento social de lazer juvenil e também comunitário.

Assim, para além de analisarmos as principais características desses dois encontros, buscamos conhecer os principais motivos de tantas pessoas participarem desses encontros citados anteriormente, entendimento esse que poderá nos ajudar a compreender um fenômeno ainda escassamente tratado na literatura.

Abordagem Metodológica

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa descritiva-exploratória (MARCONI; LAKATOS, 2003), cujo desenvolvimento inclui pesquisa bibliográfica bem como um estudo de campo. A pesquisa bibliográfica incluiu produções em forma de livros, artigos, dissertações, teses e documentos virtuais, consultados a partir das principais bases de dados disponíveis (SciELO; Capes; SBU-Unicamp, entre outras).

Por outro lado, a pesquisa de campo ocorreu com visitas diretas aos encontros supracitados, oportunidades que permitiram observações sistemáticas e a aplicação de um questionário estruturado aos organizadores e participantes.

Os questionários aplicados aos organizadores e participantes se diferenciavam em algumas de suas questões abertas. Os questionários foram aplicados pessoalmente no local dos encontros onde os participantes foram convidados a colaborar na pesquisa. Após o aceite, procedemos com a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Um total de 29 questionários foi respondido, sendo três por organizadores dos encontros (um do ECM e dois do BECO) e 26 de participantes (10 do ECM e 16 do BECO). Os questionários foram criados e aplicados a partir de um estudo-piloto realizado com um pequeno grupo e preenchidos à mão pelos próprios participantes durante os encontros.

Os dados dos questionários foram analisados por meio da análise temática. De acordo com Minayo; Deslandes e Gomes (2009), nesse tipo de análise o conceito central é o tema, e este comporta um leque de relações e pode ser graficamente apresentado por meio de uma palavra, uma frase, um resumo. Bardin (2009) também enfatiza que podemos nos concentrar mais no tema geral de investigação e, assim, extrair significados associados a ele. A autora ainda explica que na análise temática

trabalhamos com os ‘núcleos de sentido’, e que a presença ou frequência de aparição significa algo para o objetivo analítico escolhido. A partir dos dados dos dois encontros circenses aqui estudados, nos concentramos nos seguintes temas: “motivação para participar”, “atividades mais praticadas” e “dificuldades encontradas para organizar”.

O presente projeto de pesquisa teve sua realização aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp com parecer n. 37334114.3.0000.5404.

Circo, Lazer e os Encontros Circenses

O circo se faz presente desde as antigas sociedades e assume papéis diversificados ao longo de sua história, ditados pelas características sociais e culturais de como e onde se desenvolvem (KRONBAUER; SCORSIN; TREVISAN, 2013).

O circo começou a se estruturar entre os séculos XVIII e XIX. Nesse período, os espetáculos aconteciam em locais fixos e eram constituídos por apresentações equestres, além de manter o rigor militar, estrutura distinta das manifestações dos saltimbancos (artistas de ruas e praças), cômicos, saltadores e equilibristas da Idade Média (BORTOLETO; DUPRAT, 2007).

De acordo com Silva (2007), a partir de 1770 os saltimbancos e os artistas equestres passaram a trabalhar juntos, dando origem aos circenses, grupo artístico que transmitia seus saberes oralmente de geração a geração. Esses grupos estão presentes no Brasil desde 1830.

Até à primeira metade do século XX, a maioria dos artistas circenses era nascida no circo. As crianças eram iniciadas aos saberes circenses desde o nascimento e garantiam, assim, a continuidade do circo, que tinha, nessa época, uma estrutura

familiar. Tais saberes constituíam as técnicas para a realização de números e também a alfabetização delas, a confecção de “aparelhos” e de figurinos e como deveriam ocorrer as entradas de palhaços e comédias, além da forma como montar e desmontar o circo e garantir a sua segurança e a do público (SILVA, 2007).

A partir da década de 1950, as crianças do circo passaram a ser educadas de maneira formal, em escolas, o que fez com que muitas delas deixassem de portar os saberes tradicionais do circo. Em 1960, os artistas eram contratados exclusivamente para executar seus números. Entre as décadas de 1970 e 1980, diversos artistas da Europa Ocidental, Canadá e Austrália passaram a consolidar o ensino das artes circenses para ‘fora da lona’, dando origem às escolas de circo (SILVA, 2007).

As primeiras escolas de circo brasileiras surgiram a partir de 1980, e nesse período se iniciavam também projetos sociais que consideravam o aprendizado circense como forma de educação, recreação e cidadania. Tudo isso possibilitou a difusão do circo por meio de festivais, encontros e seminários. A partir dessa época, tais fatos permitiram a presença do circo em outros espaços como as praças e ruas (SILVA, 2011).

Além desses eventos, e após muitos encontros regionais ocuparem os espaços públicos, foi realizada, em 1999, na cidade de Maricá, Rio de Janeiro, a primeira Convenção Brasileira de Malabarismos e Circo (CBMC). Na tabela abaixo, está um breve histórico das convenções brasileiras, cujos dados foram retirados do *site* das Convenções Brasileiras de Malabarismo e Circo (CBMC).

Tabela 1. Histórico das Convenções Brasileiras de Malabarismo e Circo

| CONVENÇÕES BRASILEIRAS DE MALABARISMO | | | |
|--|------------------|--------------------------|----------------|
| CONVENÇÃO | DATA | LOCAL | PARTICIPANTES |
| 1º Encontro de Malabarismo, Circo e Percussão do Brasil | Novembro de 1999 | Maricá RJ | 180 |
| 2º Encontro de Malabarismo, Circo e Percussão do Brasil | Novembro de 2000 | Maricá RJ | 215 |
| 3º Encontro Internacional de Malabarismo Circo e Percussão do Brasil | Novembro de 2001 | Porto Alegre RS | 215 |
| 4º Encontro Brasileiro de Malabarismo | Novembro de 2002 | Cotia SP | 252 |
| 5ª Convenção Brasileira de Malabarismo | Novembro de 2003 | Curitiba PR | 360 |
| 6ª Convenção Brasileira de Malabarismo | Novembro de 2004 | Beim MG | 192 |
| 7ª Convenção Brasileira de Malabarismo e Circo | Novembro de 2005 | Piracaia SP | 413 |
| 8ª Convenção Brasileira de Malabarismo e Circo | Novembro de 2006 | Paranapiacaba SP | 426 |
| 9ª Convenção Brasileira de Malabarismo e Circo | Novembro de 2007 | Colombo PR | 600 |
| 10ª Convenção Brasileira de Malabarismo e Circo | Outubro de 2008 | Campinas SP | 520 |
| 11ª Convenção Brasileira de Malabarismo e Circo | Outubro de 2009 | Piracaia SP | 350 |
| 12ª Convenção Brasileira de Malabarismo e Circo | Out/Nov. de 2010 | São Leopoldo RS | 350 |
| 13ª Convenção Brasileira de Malabarismo e Circo | Novembro de 2011 | Rio das Ostras RJ | 500 |
| 14ª Convenção Brasileira de Malabarismo e Circo | Novembro de 2012 | São João Del Rei MG | 399 |
| 15ª Convenção Brasileira de Malabarismo Circo e palhaço | Dezembro de 2013 | São Bernardo do Campo SP | 722 |
| 16ª Convenção Brasileira de Malabarismo Circo e palhaço | Dezembro de 2014 | Araçoiaba da Serra SP | Não disponível |
| 17ª Convenção Brasileira de Malabarismo Circo e palhaço | Janeiro de 2016 | Barbacena MG | Não disponível |

Fonte: <https://cbmcirco.com/historico/>

A CBMC representa eventos com formato e conteúdos inspirados nas já tradicionais convenções europeias. Com raras exceções, essas convenções existem até à atualidade e são eventos de curta duração (três a quatro dias, geralmente), em que artistas, praticantes e entusiastas se encontram para promover contatos e troca de conhecimentos. Essa troca se dá por meio de diversas oficinas, bate-papos, atrações nacionais e internacionais e treinos livres, além de campeonatos.

Os encontros circenses surgiram da necessidade de os artistas trocarem experiências, e alguns circos chegam a mais de dez anos de existência, como é o caso do Circo no Beco, que teve início em 2003 e está em atividade até os dias de hoje. Porém, ao contrário das convenções, tais eventos acontecem de forma mais frequente, ou seja,

quinzenal ou semanalmente. Assim como nas convenções de circo, essa troca se dá por meio de treinos, oficinas, exibição de filmes, “bate-papos”, competições e espetáculos com artistas convidados ou apresentações no formato de palco aberto, nas quais o palco fica livre para quem quer se apresentar.

As convenções e outras atividades relacionadas ao circo contavam com a divulgação em uma revista brasileira mais específica da área, a Revista Palco Aberto, a qual trazia em suas edições uma espécie de agenda dos eventos circenses, dentre eles os encontros que aconteciam no Brasil na época. A revista começou a ser publicada em 2004, porém não é mais produzida atualmente. Um exemplo dessa divulgação pode ser observado abaixo:

Figura 1. ACONTECE. Encontros circenses no Brasil

| ENCONTROS DE MALABARES - BRASIL | |
|--|--|
| ENCONTRO PAULISTA DE MALABARES Todas as 2ª feiras, das 17h00 às 23h00 rua Belmiro Braga, esquina com Rua Luis Murat Vila Madalena - São Paulo - SP www.enpauma.com.br | ENCONTRO BAIANO DE MALABARES Todas as 4ª feiras, das 16h00 às 19h00 Passeio Público Centro - Salvador - BA tel. 71 329.0015 |
| ENCONTRO CARIOCA DE MALABARES Todas as 2ª feiras, 18h00 no C.I.C. na Fundação Progresso rua do Arco, 24 Lapa - Rio de Janeiro - RJ tel. 21 2210.3324 | ENCONTRO CEARENSE DE MALABARES Todas os domingos, a partir das 18h00 Praça Portugal - próx. ao metrô Aldeota Fortaleza - CE tel. 85 8806.3589 |
| ENCONTROS MINEIROS DE MALABARES Todas as 6ª feiras, das 18h00 ÀS 22h00 no SPASSO ESCOLA POPULAR DE CIRCO rua Francisco Sá, nº 16 Todos os sábados, das 15h00 às 20h00 no MERCADO DISTRITAL DE SANTA TEREZA Rua São Gotardo, 273 Santa Tereza - Belo Horizonte - MG | ENCONTRO DE MALABARISTAS DE RECIFE Todos os Domingos, das 14h00 as 18h00 Parque da Jaqueira Recife-PE tel. 9155 13 30 rannger@hotmail.com |
| ENCON.CURITIBANO DE MALABARES Todas as terças, a partir das 14h00 Praça Osvaldo Cruz Curitiba - PR | ENCONTRO DE MALABARISMO DO ABC PAULISTA Todas as quartas das 18 as 23 Parque Celso Daniel Santo Andre - SP tel. 11 71415248 |

Fonte: Revista Palco Aberto, Ano 2, v. 9. 2006

A presença do circo nas praças e nas ruas se dá até hoje, marcada por encontros semanais, como, por exemplo, o Circo no Beco, na Vila Madalena, em São Paulo, um dos mais antigos. Segundo Cooper e Vieira (2014, p. 19):

Circo no Beco é o nome dado para um espetáculo que foi iniciado em 2003 por artistas de rua, malabaristas e circenses, pessoas que estavam cansadas de fazer a mesma cena/função/roteiro nos semáforos da cidade e também não encontravam espaço para se apresentarem entre os já consagrados grupos e teatros paulistanos.

Idealizado pelo malabarista argentino Rodrigo Pereira, trata-se de uma organização que conta com a presença de diversos artistas e entusiastas e que acontece semanalmente. Os equipamentos não específicos de lazer têm servido ao circo, possibilitando que os entusiastas vivenciem as atividades circenses de maneira coletiva nas praças, ruas e embaixo de pontes das cidades, o que permite a aproximação com os moradores e intercâmbio de conhecimentos (RIBEIRO; BORTOLETO; FERNANDES, 2014).

Resultados e Discussão

O Encontro Campineiro de Malabarismo acontece no Teatro de Arena da Universidade Estadual de Campinas semanalmente nas noites de terça-feira e é reconhecido pela universidade como atividade cultural (UNICAMP, 2014). O espaço é utilizado também para outras atividades culturais da universidade, bem como pelos estudantes durante os intervalos das aulas e outros horários livres. Quando chove, os participantes do encontro vão para um pátio coberto nas proximidades do teatro.

Figura 3.



Fonte: Guia Cultural Unicamp (<http://www.guiacultural.unicamp.br/agenda/outros/encontro-campineiro-malabarismo>)

Já o Circo no Beco é realizado numa rua sem saída, um beco da Vila Madalena, na cidade de São Paulo, onde há uma quadra de basquete e o espaço é utilizado pelos moradores com diversas finalidades. Esse encontro é realizado semanalmente nas noites das segundas-feiras, por ser esse o dia semanal de folga dos artistas circenses.

Figura 5.



Fonte: Material de divulgação em rede social

Figura 6.



Fonte: <http://totallycoolpix.com/magazine/2013/04/street-jugglers-from-brazils-circo-do-beco/about-us>

A apropriação de espaços não específicos de lazer – que não foram criados com esta finalidade –, como as ruas, pontes e estacionamentos, é defendida por estudiosos do lazer, uma vez que isso também democratiza e traz novas possibilidades ao uso do espaço público (PELLEGRIN, 2004; MARCELLINO *et al.*, 2007; MARCELLINO, 2012).

Por meio das observações, foi possível conhecer a maneira como esses encontros acontecem. De modo geral, os participantes chegam ao local, conversam, fazem um aquecimento e treinam. São encontros abertos, não somente no que diz respeito ao acesso ao espaço físico, mas também no formato em que eles acontecem. A participação é livre. Qualquer pessoa que quiser pode participar, seja treinando uma modalidade circense, seja como observador. Os participantes mais experientes nas modalidades ensinam e auxiliam os iniciantes nas práticas, e os conhecimentos se somam ao se

estabelecer uma relação horizontal entre quem ensina e quem é ensinado. A liberdade e a troca se destacam nesses espaços, em que cada participante faz o que gostaria ou sente necessidade de fazer.

A vivência das atividades circenses se dá por meio da prática livre e também a partir de conversas e outras formas de sociabilização. Além da atividade autodidata, observamos o ensino informal (não sistemático), espontâneo, com grande destaque para a observação, características que dialogam com o discurso de Melo e Alves Júnior (2003) e de Gomes (2004). Tais autores debatem o lazer como uma forma de expressão sem compromisso e que busca o prazer que as vivências proporcionam, além de seu valor como atividade cultural, ou seja, podem englobar diversos interesses, linguagens e manifestações, como, por exemplo, o malabarismo e o convívio social, dentre outros.

Concordamos com Silva *et al.* (2013) em que os espaços de lazer têm a função de revitalizar e promover o bem-estar no meio urbano, além de proporcionar o desenvolvimento de relações sociais, o que pode gerar uma contribuição no que se refere aos aspectos sociais, emocionais e culturais dos indivíduos. Tais espaços têm suas particularidades: devem ser democráticos e possibilitar o convívio social. Essas funções dialogam com as características observadas nos encontros circenses estudados, pois eles possibilitam o intercâmbio de conhecimentos e experiências, proporcionam a ocupação de diversos espaços públicos e são construídos de maneira coletiva (RIBEIRO; BORTOLETO; FERNANDES, 2014; COOPER; VIEIRA, 2014).

No que diz respeito à organização dos encontros, identificamos que ela ocorre coletivamente, em que cada um dos sujeitos colabora dentro de suas possibilidades, sem estruturação das funções e responsabilidades, e uma mesma pessoa pode assumir papéis

diferentes de acordo com as necessidades. A organização ‘horizontal’, isto é, com base na troca e na ação voluntária fundamentam os dois encontros aqui estudados.

Quanto à sua dinâmica de atividades, vimos que os encontros estudados podem incluir reuniões temáticas, oficinas, bate-papos, cabarés, competições, espetáculos e outras atividades, na sua totalidade, gratuitas e que podem receber contribuições voluntárias, denominadas popularmente “chapéu”, recursos que em geral são divididos entre os artistas e os organizadores e visam à própria manutenção do encontro e de seu espaço.

Embora as práticas malabarísticas sejam dominantes nesses encontros, é possível observar outras manifestações, o que mostra diversidade de práticas (monociclo, trapézio, equilíbrios, palhaço, etc.). Dentre os malabarismos praticados, destacam-se os que utilizam bolas, aros, claves, bolas de contato e tochas de fogo. Por outro lado, a acrobacia de solo, o monociclo, a perna de pau, o equilíbrio de objetos, a parada de mãos e até um “treino de atirador de facas” foram observados no Circo do Beco, revelando importante diversidade de práticas circenses. Parece-nos que a predominância das práticas malabarísticas se dá ao fato da facilidade em levar os materiais e da não necessidade de estrutura especial para a sua realização, como no caso das acrobacias e dos aéreos, por exemplo.

Na questão sobre a motivação para participar dos encontros, a maioria dos participantes apontou como fator motivacional a possibilidade de encontrar amigos, de convívio social, diversão, ‘curtição’, de aprender uma modalidade circense, divulgar o circo e treinar. A possibilidade de praticar uma atividade física também foi citada como motivação pelas pessoas que frequentam o Encontro Campineiro. Outras razões foram

apontadas, como o *interesse profissional* (Sujeito 5, Circo do Beco) e *trocar experiências* (Sujeito 21).

É importante considerar que grande parte dos autores do lazer (PARKER, 1978; DUMAZEDIER, 1980; BRAMANTE, 1997; MELO; ALVES JUNIOR, 2003; MARCELLINO, 2012, entre outros) afirma que as atividades vivenciadas no tempo livre têm potenciais educativos e que, por meio delas, o indivíduo pode aprender conteúdos, valores e desenvolver a criatividade e o potencial artístico, entre outros. Essa possibilidade se apresentou nos encontros, aqui estudados, tanto nas observações realizadas quanto nas motivações dos participantes acima citadas.

No tocante ao tempo de participação dos encontros, a maioria das respostas aponta para uma abrangência de quatro a sete anos no Circo no Beco e uma média de um ano para os frequentadores do Encontro Campineiro, que é mais recente. Os dados mostram regularidade na participação, embora não haja nenhum tipo de vínculo formal (institucional, associativo), o que sugere que outros fatores contribuem para a manutenção da participação.

Ambos os encontros são agendados por meio da *internet*, e os praticantes em geral tomam conhecimento dos eventos por meio de redes sociais, do “boca a boca” e por meio de convites de amigos. Uma minoria afirmou que ao passar pelo local ficou sabendo do acontecimento e começou a participar. Também houve outras afirmações: *viajantes me falaram antes de vir pra cá* (Sujeito 1) e *estava cortando caminho e achei!* (Sujeito 16).

Tanto o Encontro Campineiro quanto o do Circo do Beco não têm relação com o Poder Público, e quem os organiza também participa. Eles têm como característica marcante a troca de técnicas, truques e experiências entre os participantes. Eles se

mantêm com doações espontâneas, dinheiro arrecadado “no chapéu” (quando ocorrem apresentações e/ou oficinas) e com o empréstimo de materiais de amigos. De tempos em tempos, acontecem espetáculos durante os encontros, geralmente no formato de “Cabaré”.

Sobre as dificuldades para planejar os encontros, os organizadores apontaram as condições climáticas, pois como os encontros acontecem em locais abertos, quando há chuva o público diminui consideravelmente. Organizadores declararam:

Por sem um evento desprezioso não temos grandes dificuldades, tudo é feito de acordo com as nossas possibilidades (Sujeito 18).
(...) não tivemos nenhuma dificuldade além de chuva e falta de participantes (Sujeito 29).

Para os organizadores, o que atrai os participantes para esses locais são as possibilidades de treinar malabares, o conhecimento, a troca de experiências e o encontro com outros artistas. Ou seja, além dos interesses manuais e artísticos, os sociais do lazer também estão presentes nos encontros circenses estudados:

Conhecimento, troca de experiências e encontro de artistas (Sujeito 29).
O desafio da superação de algo “impossível” tem que ser o combustível da arte, do malabarismo (Sujeito 18).

Como aspectos mais interessantes desse tipo de manifestação social, foram indicadas pelos organizadores a divulgação do circo, a diversidade artística presente e a ‘conexão’ entre os malabaristas, conexão esta que foi expressa ao questionarmos se os participantes frequentavam outros encontros. Quando a resposta era positiva, os encontros citados foram: Encontro Campineiro de Malabarismo (para os frequentadores do Circo no Beco), Circo no Beco (para os frequentadores do Encontro Campineiro de Malabarismo), Encontro de Artes Circenses da Zona Leste (o Circo na Praça e o

Encontro de Malabarismo e Circo da Praça Roosevelt, ambos na capital paulista) e também as convenções de circo.

Os locais onde ocorrem os encontros estudados são espaços públicos a céu aberto. Os organizadores viram na ocupação desses espaços uma possibilidade de promover troca, convívio e divulgação do circo. Vale lembrar que muitos outros encontros/ocupações acontecem em São Paulo, como o exemplo dado do “Encontro da Praça Roosevelt”, que inclui ainda um cabaré noturno denominado Noite da Rose, cujo reconhecimento popular e público pode ser notado ao ser indicado ao Prêmio Governador do Estado em 2016 na modalidade Circo². Aliás, os encontros têm se espalhado por todo o Brasil³. Em outras palavras, não se trata de um fenômeno isolado⁴.

Entendemos que os encontros circenses ainda podem colaborar com a diminuição das barreiras sociais para o lazer, de acordo com Marcellino (2012). Este autor considera que existem limitações para a vivência do lazer na sociedade atual. Há falta de espaços nas cidades, uma vez que o aumento da população urbana não foi acompanhado pelo desenvolvimento de infraestrutura adequada que favoreça as práticas de lazer, segundo o autor. Os encontros circenses diminuem as barreiras principalmente por democratizarem o uso dos espaços públicos e por oferecerem diversas atividades circenses, além de possibilitarem a participação de qualquer pessoa.

Considerações Finais

² Disponível em: <http://www.premiogovernador.com.br/2015/votacao-circo.php> . Acesso em: 1.º jun. 2016.

³ Um exemplo do que aconteceu na cidade de Goiânia, GO: <http://g1.globo.com/goias/noticia/2014/08/encontro-de-malabares-e-circo-reune-diversos-artistas-em-goiania.html> . Acesso em: 1.º jun. 2016.

⁴ Disponível em: <http://saopaulosao.com.br/nossos-encontros/1001-pra%C3%A7a-roosevelt-se-transforma-em-picadeiro-gratuito-a-c%C3%A9u-aberto.html> . Acesso em: 1.º jun. 2016.

Os encontros circenses aqui estudados corroboram o que afirmam Kronbauer, Scorsin e Trevisan (2013), pois assumem diversos papéis ao longo de sua história de acordo com as características sociais e culturais e do local em que essas atividades se desenvolvem. Os encontros surgem da necessidade de entusiastas e artistas profissionais trocarem conhecimentos e aprimorarem suas técnicas, mas também da necessidade de se ter um espaço fora do contexto de trabalho para convivência. Os encontros revelam, ainda, um uso da rua, da praça e dos becos por jovens (artistas ou não) que querem se expressar, praticar várias atividades circenses e manifestar suas vontades com pouca normatização.

Acreditamos que os encontros circenses em espaços públicos são, para os participantes, uma forma de aproximação e difusão do circo, pois possibilitam o contato entre diversos entusiastas e a constante troca entre eles. Por intermédio da prática de variadas modalidades circenses, nesses encontros é possível atingir um enriquecimento técnico, artístico, cultural e social.

Esses encontros possibilitam e ampliam a vivência do lazer e fomentam a cultura juvenil, familiarizando esses jovens com essa forma de manifestação. Tais encontros ainda contribuem para a formação de público e familiarização com o “chapéu” (forma de arrecadação na qual o público contribui com a quantia que achar justa), uma vez que são abertos a qualquer pessoa, que pode frequentar esses locais e apreciar as apresentações também como forma de lazer.

REFERÊNCIAS

ACONTECE. **Revista Palco Aberto, Malabares, Circo e Arte de Rua**. n. 2, v. 9, p. 27, 2006.

AGENDA. **Guia Cultural Unicamp**. Disponível em: <http://www.guiacultural.unicamp.br> Acesso em: 30 set. 2014.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BORTOLETO, M. A. C.; DUPRAT, R. M. Educação Física Escolar: Pedagogia e Didática das Atividades Circenses. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 28, n. 2, p. 171-189, jan. 2007.

_____.; MACHADO, G. A. Reflexões sobre o Circo e a Educação Física. **Revista Corpoconsciência**. Santo André, n. 12, p. 41-69, 2003.

BRAMANTE, A. C. Qualidade no gerenciamento do lazer. In: BRUNHS, H. T. (Org.). **Introdução aos estudos do lazer**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

CIRCO NO BECO. **Revista Palco Aberto, Malabares, Circo e Arte de Rua**. n. 13, p. 12, 2009.

CONVENÇÕES Brasileiras de Malabarismo e Circo. Disponível em: <https://cbmcirco.com/historico/>. Acesso em: 30 abr. 2016.

COOPER, G.; VIEIRA, M. F. (Org.). **Bau Circo no Beco**: histórias de um picadeiro a céu aberto. Arvoredo. Funarte. São Paulo, 2014.

DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: Sesc, 1980.

GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.

KRONBAUER, G. A.; SCORSIN, D. M.; TREVISAN, M. Significados do Circo e das Atividades Circenses para os idosos da UATI. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**. Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 167-183, 2013.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer**: uma introdução. 5. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2012.

_____. *et al.* **Espaços e equipamentos de lazer em região metropolitana**: o caso da RMC – Região Metropolitana de Campinas. Curitiba: Opus Print Editora, 2007.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. São Paulo, ed. Atlas, 2003.

MELO, V. A. de; ALVES JUNIOR, E. **Introdução ao lazer**. Barueri: Manole, 2003.

MINAYO, M. C. S. (Org.); GOMES, S. F. D. R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____.; DESLANDES, S. F. ; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, Vozes, 2009.

MUNHOZ, V. C. C. Ruas de Lazer. In: GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PARKER, S. **Sociologia do lazer**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

PELLEGRIN, A. de. Espaço de Lazer. In: GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RIBEIRO, O. C. F.; BORTOLETO, M. A. C.; FERNANDES, J. A. M. Rua, praça e ponte: os encontros circenses malabarísticos como uma opção cultural no Brasil. In: FONTES, A. *et al.* **Cultura e participação**: animação sociocultural em contextos ibero-americanos. Leiria (Portugal), p. 242-253, 2014.

SILVA, C. L. da. Vivência de atividades circenses junto a estudantes de educação física: reflexões sobre educação física no ensino médio e tempo livre. Belo Horizonte: **Revista Licere**, v. 12, n. 2, jun. 2009.

SILVA, E. **Circo-Teatro**: Benjamim de Oliveira e a Teatralidade Circense no Brasil. São Paulo: Editora Altana, 2007.

_____. O novo está em outro lugar. In: **Palco Giratório**: Rede Sesc de Difusão e Intercâmbio das Artes Cênicas. Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, p. 12-21, 2011. 108 p. Disponível em: www.circonteudo.com.br. Acesso em: 20 set. 2014.

SILVA, E. P. C. da *et al.* Espaços públicos de lazer na promoção da qualidade de vida: uma revisão integrativa. **Revista Licere**. Belo Horizonte, v. 16, n. 2, 2013.

UNICAMP – AGENDA. Guia Cultural Unicamp. Disponível em: <http://www.guia.cultural.unicamp.br>. Acesso em: 30 set. 2014.

WALLON, E. **O circo no risco da arte**. Trad. Ana Alvarenga, Augustin de Tugny e Cristiane Lage. Belo Horizonte: Autêntica. 2009.

Endereço dos Autores:

Jéssica Adriana Montanini Fernandes
FEF/Unicamp
Av. Érico Veríssimo, 701 – Cid. Universitária
Campinas – SP – 13.083-851
Endereço Eletrônico: jmontanini@hotmail.com

Olívia Cristina Ferreira Ribeiro
FEF/Unicamp
Av. Érico Veríssimo, 701 – Cid. Universitária
Campinas – SP – 13.083-851
Endereço Eletrônico: olivia@fef.unicamp.br

Marco Antonio Coelho Bortoleto
FEF/Unicamp
Av. Érico Veríssimo, 701 – Cid. Universitária
Campinas – SP – 13.083-851
Endereço Eletrônico: bortoleto@fef.unicamp.br